

EDUCAÇÃO, CULTURA e RESISTÊNCIA:

Estudos Latino-Americanos

Alessandro Gatinho dos Reis
Fernanda Costa da Silva
José Edilson Ferreira Brito
Wilker Gonçalves Melo




AYA EDITORA
2024

Alessandro Gatinho dos Reis

Fernanda Costa da Silva

José Edilson Ferreira Brito

Wilker Gonçalves Melo

Educação, Cultura e Resistência: estudos latino- americanos

Ponta Grossa

2024

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Autores

Alessandro Gatinho dos Reis
Fernanda Costa da Silva
José Edilson Ferreira Brito
Wilker Gonçalves Melo

Capa

AYA Editora©

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva
Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza
Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa
Universidade Estadual de Londrina

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos
Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega
Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva
Centro Universitário FACES

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chiroli
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota
Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira
Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig
Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos
Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva
Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza
Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues
Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão
Faculdade Santa Helena

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior
Universidade Federal de Roraima

Prof.º Me. Jorge Soistak
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti
Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim
Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.^a Ma. Lucimara Glap
Faculdade Santana

Prof.^o Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.^o Me. Luiz Henrique Domingues
Universidade Norte do Paraná

Prof.^o Dr. Milson dos Santos Barbosa
Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.^o Dr. Myller Augusto Santos Gomes
Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.^a Dr.^a Pauline Balabuch
Faculdade Sagrada Família

Prof.^o Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.^o Dr. Rafael da Silva Fernandes
Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas

Prof.^a Dr.^a Regina Negri Pagani
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.^o Dr. Ricardo dos Santos Pereira
Instituto Federal do Acre

Prof.^a Dr.^a Rosângela de França Bail
Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.^o Dr. Rudy de Barros Ahrens
Faculdade Sagrada Família

Prof.^o Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares
Universidade Federal do Piauí

Prof.^a Dr.^a Silvia Aparecida Medeiros
Rodrigues
Faculdade Sagrada Família

Prof.^a Dr.^a Silvia Gaia
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.^a Dr.^a Sueli de Fátima de Oliveira Miranda
Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.^a Dr.^a Thaisa Rodrigues
Instituto Federal de Santa Catarina

© 2024 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). Este livro, incluindo todas as ilustrações, informações e opiniões nele contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva dos autores. Os autores detêm total responsabilidade pelo conteúdo apresentado, o qual reflete única e inteiramente a sua perspectiva e interpretação pessoal. É importante salientar que o conteúdo deste livro não representa, necessariamente, a visão ou opinião da editora. A função da editora foi estritamente técnica, limitando-se ao serviço de diagramação e registro da obra, sem qualquer influência sobre o conteúdo apresentado ou opiniões expressas. Portanto, quaisquer questionamentos, interpretações ou inferências decorrentes do conteúdo deste livro, devem ser direcionados exclusivamente aos autores.

R3751 Reis, Alessandro Gatinho dos

Educação, cultura e resistência: estudos latino-americanos [recurso eletrônico]. / Alessandro Gatinho dos Reis...[et al.]. -- Ponta Grossa: Aya, 2024. 49 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-511-2

DOI: 10.47573/aya.5379.1.267

1. Educação - Aspectos políticos – América Latina. 2. Resistência ao governo – América Latina. 3 Educação - Aspectos políticos – Brasil. 4. Resistência ao governo – Brasil. 5. Educação de jovens e adultos. 6. Educação ambiental. I. Silva, Fernanda Costa da. II. Brito, José Edilson Ferreira. III. Melo, Wilker Gonçalves. IV. Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

**International Scientific Journals Publicações
de Periódicos e Editora LTDA**

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

Capítulo 01

Educação e resistência: aspectos histórico-sociais em Machuca de Andrés Wood..... 7

Capítulo 02

Educação e interculturalidade: estudantes hispano-americanos na UFPA..... 13

Capítulo 03

Perfil dos alunos da EJA e reflexões sobre as aulas de ciências em duas escolas urbanas no Pará, Brasil 19

Capítulo 04

Educação ambiental na perspectiva lúdica de ensino aprendizagem.. 35

Educação e resistência: aspectos histórico-sociais em Machuca de Andrés Wood

Alessandro Gatinho dos Reis

Fernanda Costa da Silva

José Edilson Ferreira Brito

Wilker Gonçalves Melo

Resumo

Adentrando a década de 70, um dos fatos históricos marcantes da América Latina, foram os chamados “Golpes Militares”, eles se proliferaram por várias nações, desencadeando uma chuva de horror, opressão e falta de liberdade por todos os países. Neste trabalho, buscamos apresentar os aspectos histórico-sociais que envolveram o Chile durante o seu regime totalitário. E para explanar esse acontecimento, utilizamos o cinema, que é o objeto de estudo do grupo de extensão: luz, câmara y conversación do campus de Castanhal. Através da exposição audiovisual, escolhemos o filme “Machuca”, 2004, dirigido por Andrés Wood para a análise desse fato histórico-social, pois este revela, por intermédio de duas crianças, a realidade de um país oprimido por um regime militar. Dois mundos totalmente diferentes, onde uma se encontra a mercê da pobreza e a outra, desfruta do melhor do que se chamaria “a classe burguesa”, porém as duas crianças compartilham a mesma escolha, a companhia um do outro. Uma vez que vivem em um lugar onde a desigualdade social é a voz da sociedade e o poder do Estado. Logo, utilizamos alguns estudiosos para o embasamento teórico deste trabalho, são eles: Nóvoa, 2008, Lima, 2012, e Pinto, 2004. O traço empolgante e perfeitamente regido por Wood é o olhar dessas duas crianças, suas visões sobre o regime ditatorial, suas observações e reflexões sobre como o golpe atingiu não só suas famílias, mas também todo ambiente sócio-econômico em sua volta, em especial, a escola. Uma amizade que ultrapassará preconceitos sociais e provocará, de certa forma, o governo repressor.

Palavras-chave: cinema; Machuca; ditadura.

Introdução

Independente de idade, o regime totalitário no Chile de 1973 atingiu a todos, crianças, adultos e velhos. Porém o objetivo deste trabalho é analisar o olhar das crianças chilenas nesse período histórico. Machuca é um filme chileno dirigido por Andrés Wood, 2004, que traça exatamente esta participação infantil na ditadura militar. Muitas das criações áudio visuais que contam histórias de regimes militares fazem alusão claro, ao regime e sua difusão na sociedade, mas poucos trabalham o olhar das crianças sobre o fato em questão.

Para melhor compreensão introduziremos a participação do cinema e sua importância nos diferentes olhares sobre a ditadura chilena, e como foco principal, mostrar através da película Machuca, a realidade chilena nesse período. Um período inicialmente governado por Augusto Pinochet.

O cinema

Apenas o ouvir já nos dar o entendimento sobre algo. Ou simplesmente olhar imagens que nos repassam alguma informação. De uma forma ou de outra, apreendemos o conhecimento. Mas com o passar dos tempos o homem cria uma forma que une som imagem e movimento, uma invenção que transmite conhecimento e entretenimento. O homem cria o que chamamos de cinema.

O cinema é regido por tempo e espaço, o movimento faz tudo acontecer. Porém, a sétima arte também como meio de comunicação tem uma mensagem a se passar. Para Nóvoa (1998), “as películas cinematográficas demonstram, de modo incontestável, desde o início da história do cinema, a sua eficácia como instrumento formador de consciências”. É exatamente o que o cinema busca desenvolver. Enquanto disseminador de idéias e registro histórico, fazer com que através dos filmes haja uma formação ideológica em relação as massas populares.

As novas tecnologias de informação e comunicação alteram a Vida cotidiana dos indivíduos, bem como seu universo mental e mesmo material. Isso está levando o homem desse início de século a se utilizar destas novas tecnologias para obter informações e não há dúvidas que o audiovisual é uma das principais fontes de conhecimento histórico para grande parte da população. (Pinto, 2004, p. 1)

Para reforçar a ideia do áudio visual como fonte de conhecimento para todos, Pinto traz a reflexão de como as novas tecnologias auxiliam nos estudos e pesquisas sobre os fatos históricos e sua importância para a sociedade.

Quem (O que) é Machuca?

Dirigido por Andrés Wood (2004), Machuca é um filme que se passa durante o regime totalitário no Chile, em 1973, governado inicialmente por Augusto Pinochet. A película retrata a história de duas crianças, Gonzalo e Pedro Machuca- conhecido só por

Machuca- Gonzalo é o garoto rico e Machuca é o garoto pobre que mora na favela.

Porém, essas crianças que viviam realidades diferentes, que frequentavam lugares diferentes, se conheceram e presenciaram ondas de horror por onde passavam. E esse encontro que mais tarde se tornou amizade é mediado pelo idealista diretor da escola de Gonzalo, padre McEnroe. Esse padre tinha por objetivo dar oportunidades iguais a todos na escola, especialmente as crianças pobres que não tinham condições financeiras para pagar uma escola. E com esta ideia, Machuca e alguns amigos adentraram a escola que era frequentada somente por meninos burgueses.

Andrés Wood explica a escolha pelo tema: “Para mim interessa a memória. Faço cinema por isso. É a primeira faísca da minha vontade de fazer cinema, e os filmes que tenho feito partem de alguma lembrança. Acho que os chilenos em geral e os cineastas em particular temos uma dívida com a memória. E, sobretudo, com todos os anos do governo de Allende e os primeiros da ditadura”. (Lima, 2012, p. 3).

O próprio diretor da película Machuca revela a importância da memória no cinema, sendo que a película é parte de sua memória durante a ditadura, pois o próprio foi uma das crianças que vivenciou este trauma nos tempos do golpe. Uma das grandes vantagens do cinema é a liberdade de se mostrar os dois lados da história. Em Machuca pode-se analisar o lado da classe trabalhadora, os pobres, e também o que defende a classe burguesa.

Como afirma Lima (2012), “o filme procura demonstrar que a questão da ditadura não se subscreveu apenas ao embate entre militares e subversivos, mas que atingiu todas as camadas da sociedade.” Com isso concordamos que Machuca e toda sua família pobre sofreram com o regime, assim como de forma diferente a família de Gonzalo também foi atingida. Inflações sem medidas, aumento da violência e desigualdade social, em fim, tudo isso é encontrado no filme Machuca.

Ditadura e Machuca

Com um ideal igualitário, Salvador Allende pretendia em seu governo-1970- proporcionar aos chilenos uma vida melhor, pois o país estava mergulhado em crise. Suas reformas sociais seriam uma das primeiras propostas de seu governo. Porém, uma minoria se organizou para boicotar a futura chance do Chile se tornar um país socialista, e por esta razão, a elite aliada pelos EUA e a frente os militares, golpearam o país, com um regime

militar em 1973, com seu governante inicial, Augusto Pinochet.

Um pouco antes do golpe, o padre McEroe diretor de um colégio Burguês só para meninos, chamado de Colégio Saint Patrick, um dos colégios mais importantes de Santiago, caloroso pelo novo governo de Allende, pretendeu instaurar em seu estabelecimento bolsas de estudos para meninos pobres da favela. Escolhido um considerável número de garotos, o diretor os espalha pelas salas de aula com o intuito de associá-los aos outros garotos. E nessa inicial apresentação, Machuca conhece Gonzalo.

Um quarto só para ele, uma geladeira com muita comida, roupas de marcas famosas. Isso era o que Machuca pensava quando entrou a primeira vez na casa de Gonzalo. Uma curiosidade enorme desse novo mundo encheu os olhos do garoto pobre. Entretanto, com Gonzalo não foi diferente, final, entrar em uma casa tão pequena e desprovida de segurança e uma dispensa vazia lhe fazia reflexionar em como seu novo amigo vivia.

Ambos enfrentavam dificuldades familiares, Machuca tinha não só a pobreza para se preocupar, mas enfrentava um pai alcoólatra que o desmerecia de todas as formas. E Gonzalo, a infidelidade da mãe e a mesquinhez que havia em sua família. Observado isso, esses dois garotos resolveram se ajudar, na escola, em casa e principalmente no que passaram a ver mais de perto: a intolerância militar.

Os cenários em que a militância chilena “frequentou”, foram muitos. Mas a escola e a favela onde vivia Machuca e sua família, foram os mais abordados pelo produtor. Na escola, a repressão foi vista e sentida pelos garotos, os militares revistavam seus utensílios e os cabelos de muitos que eram vistos como inapropriados eram cortados em meio a um público, claro, para servir de lição aos outros. Além das constantes desavenças com os pais dos meninos ricos da escola em relação aos garotos pobres, o padre McEroe foi interceptado pelos militares e “afastado” de seu cargo como diretor do instituto.

Uma das cenas mais reflexivas dessa película é o momento na favela. A milícia invade as casas humildes em busca de pessoas que resistem ao governo Pinochet. E em tudo isso a casa de Machuca é invadida, uma amiga sua é morta por tentar defender o pai, sem saber Gonzalo vai visitar Machuca.

E quando chega ao local, um dos militares o segura e o tenta prender, porém ele

diz: *¡mirame!* Esta interjeição repassa o que na verdade é regido em muitas sociedades, a desigualdade social. Ao olhar para o garoto, o militar observa suas roupas, seus sapatos. Ou seja, o menino não era daquele lugar, suas roupas de marca e seu sapato caro, diziam bem claro que ele não fazia parte daquele universo. E nesse momento o guarda o solta e o manda embora. Naquele instante, Machuca vê Gonzalo partir, eles se olham com tristeza, com um olhar de adeus, um olhar de, nossas diferenças sociais gritaram mais forte.

Considerações Finais

Para Wood fazer esse filme foi uma dívida paga com o Chile, pois quando se fala sobre ditadura, é sempre um torcer de nariz, um assunto complicado. Entretanto para este produtor e muitos outros, transmitir histórias que contém um regime ditatorial, é um privilégio. Poder mostrar as pessoas chilenas e ao mundo a história desse país em relação ao seu regime totalitário e principalmente mostrar as gerações futuras o que muitos chilenos sofreram nesse horror chamado de “governo”.

Machuca uma criança simples que mostrou a todos sua coragem de enfrentar o governo opressor juntamente com seu amigo Gonzalo, resistiram em seu colégio em discussões familiares e até mesmo na rua. Um dos poucos filmes que retratam crianças e suas perspectivas sobre um golpe militar. Como toda essa barbárie atingiu aqueles que muitas vezes a sociedade pensa que não estão observando, que não sabem o que se passa ao seu redor. Porém em Machuca revelou-se como as crianças sabiam e enfrentavam também, as dificuldades e mazelas da sociedade.

Referências

LIMA, Fernanda. **Elaborações de memórias**: Uma análise dos discursos sobre a ditadura militar chilena nos filmes Machuca (2004) e Tony Manero (2008). São Paulo, 2012. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/fernanda_lima2012.pdf> . Acesso em: 25 de Agos. 2014.

NÓVOA, Jorge. **Apologia da relação cinema-história**. In: O olho da História. Salvador, v.1, n. 1. 1998. p. 5.

NÓVOA, Jorge. **A relação cinema-história e a razão poética na reconstrução do paradigma histórico**. In: O olho da História. Salvador. 2008. p. 4.

PINTO, Luciana. **O historiador e sua relação com o cinema**. In: O olho da história. Salvador. 2004. p. 1.

1973: **GOLPE MILITAR NO CHILE**. Disponível em: <<http://www.dw.de/1973-golpe-militar-no-chile/a-319346>>. Acesso em: 25 de Agos. 2014

UM DIRETOR DE ESCOLA A FAVOR DA EDUCAÇÃO IGUALITÁRIA NO FILME “MACHUCA”. Disponível em: <<http://www.diarioliberalidade.org/america-latina/cultura-m%C3%BAAsica/34141-um-diretor-de-escola-a-favor-da-educa%C3%A7%C3%A3o-igualit%C3%A1ria-no-filme-%E2%80%9Cmachuca%E2%80%9D.html>>. Acesso em: 25 de Agos. 2014

DITADURA MILITAR NO CHILE. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historia/ditadura_chile.htm> Acesso em: 25 de Agos. 2014.

Educação e interculturalidade: estudantes hispano-americanos na UFPA

Alessandro Gatinho dos Reis

Fernanda Costa da Silva

José Edilson Ferreira Brito

Wilker Gonçalves Melo

Resumo

Este trabalho tem como objetivo, compreender a existência ou não de estratégias de fortalecimento da identidade cultural hispano-americana e de inserção na cultura brasileira, por parte de estudantes hispano-americanos de pós-graduação na UFPA. E identificar no discurso dos estudantes pesquisados, as barreiras pedagógicas e/ou curriculares encontradas para cursarem a pós-graduação. Este trabalho contempla estudos oriundos do projeto de pesquisa GEPINTE (Grupo de estudo e pesquisa em Interculturalidade e Educação) do campus Castanhal. Este estudo levanta diversas discussões em torno da interculturalidade, e aborda teorias de autores principais como Mato (2005), Walsh (2009) e Candau (2008). Estes teóricos discorrem sobre o conceito de Interculturalidade, a interculturalidade na educação, seus princípios e sua aplicação nas diversas culturas. Nesta pesquisa, foram elaborados estudos empíricos com 56 discentes hispano-americanos ativos nos PPG's da UFPA. Alunos de países como México, Panamá, Honduras, Chile, Costa Rica, Haiti, Venezuela, Bolívia, Colômbia, Peru, Equador, Argentina, Nicarágua e El Salvador. Que adentraram a UFPA pelo programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (PAEC), coordenado pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), que objetivam a mobilidade dos estudantes de ensino superior pelas Américas. Os resultados alcançados na pesquisa foram explorados em forma de textos e gráficos, em uma coleta de dados de 32 respostas. As respostas corroboram vias da interculturalidade na educação superior como, questões identitárias, curriculares e socioeconômicas. A perspectiva intercultural na pós-graduação demonstra alguns percalços curriculares, linguísticos e sociais, mas também, se presentifica nas relações interpessoais entre nativos e estrangeiros, e possibilita uma realidade de vivência comum, pacífica e inclusiva, que ressignifica os valores educacionais para (re) formação de sociedades justas, humanas e igualitárias.

Palavras-chave: interculturalidade; educação superior; estudantes hispano-americanos.

Introdução

A relação da interculturalidade com a educação já vem sendo discutida por diversos teóricos do mundo afora. Estudos na América Latina, mais especificamente, estão voltados a educação indígena nas diversas áreas da educação, como a básica e o ensino superior.

Tratar a inclusão deste aluno indígena de forma que ele se sinta parte do grupo e claro, valorizado.

Ora, o Brasil como parte integrante da América Latina, também desenvolve pesquisas acerca de diferentes grupos étnicos no âmbito educacional, e este trabalho se circunscreve sob análise da vivência de estudantes hispano-americanos nos programas de pós-graduação da UFPA, e que visa identificar nestes estudantes, suas formas de viver suas culturas e como elas são afetadas ao serem expostas em um novo ambiente cultural. Assim, para auxiliar nestas questões e essas novas dinâmicas sociais, a Organização das Nações Unidas (ONU), em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) compartilham junto a diversos autores, obras e estudos, que promovem a inclusão sociocultural e a equidade de direitos humanos.¹

E por meio dessas organizações e suas teorias sobre a interculturalidade, buscou-se fazer este estudo na Universidade Federal do Pará, como forma de conhecer e identificar a interrelação que alunos estrangeiros possuem com os alunos brasileiros, e de que forma esses estudantes estrangeiros estão sendo mantidos na universidade. A vivência fora dos costumes autóctone é uma experiência que o indivíduo irá levar seja de volta para seu lugar de origem, seja para outro país que estiver. Os estudos Walsh (2009), representam bem essa questão. A interculturalidade para além dos laços educacionais, um processo que monta e remonta o indivíduo, que implica em sua identidade. Esses traços são perceptíveis e analisados, um resultado ou melhor, uma amostra desta pesquisa.

Metodologia

Inicialmente o processo metodológico buscou estudos sobre a teoria da Interculturalidade e sua relação com a educação. Ou seja, um levantamento bibliográfico foi feito para o início desta pesquisa. Após o conhecimento do campo de estudo, foi feito um levantamento dos estudantes hispano-americanos de pós-graduação na UFPA. Mas aí pode-se perguntar, por que pesquisar os estudantes da pós-graduação? Bem, como a pesquisa iniciou-se no campus de Castanhal, não havia estudante de graduação, nativo de

¹ CASTRO, MARCIA DE. *La migración: un tema transversal. Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo, México. 2016.*

língua espanhola pelo campus Castanhal, somente haviam hispano-americanos na pós-graduação, localizada no campus II. A partir disso, o estudo voltou-se à pós-graduação.

Esse levantamento foi feito a partir dos dados do sistema da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFPA (PROPESP). Que possui todos os nomes e dados destes estudantes imigrantes temporários no país, como seus e-mails, país e data de entrada no programa. E a partir desses dados, foi criado um questionário de caráter quantitativo e qualitativo, de modo que alcance estes estudantes e suas situações socioeconômicas na UFPA. E posteriormente como resultados, um perfil e diagnósticos de estratégias de vivência e identidade destes estudantes.

A princípio, o questionário conta com 30 perguntas. divididas em 3 categorias: **Pessoal, acadêmica e socioeconômica**. Na categoria pessoal tem-se as seguintes perguntas: nome completo, e-mail, data de nascimento, sexo, país de origem, cidade de origem, com quem vive, cor que se aceita e estado civil. Na categoria acadêmica estão: Curso de graduação, Instituição onde fez a graduação, cidade onde fez a graduação, porque escolheu estudar em outro país, programa de pós-graduação, ano de entrada no programa, nível de pós-graduação, como soube do programa, por que escolheu esse programa, qual objetivo ao finalizar a pós-graduação, como avalia a receptividade do programa para alunos estrangeiros, como é sua relação com os professores, como é sua relação com os alunos brasileiros e qual a sua dificuldade linguística. E por fim a categoria socioeconômica, que congrega as seguintes perguntas: Qual a sua situação no país, marque suas principais dificuldades em cursar o programa de pós-graduação na UFPA, já lhe ocorreu alguma situação de preconceito por ser um estrangeiro hispano-americano na UFPA, caso sim, relate em poucas palavras, que estratégias utiliza para manter sua identidade hispano-americana, mesmo vivendo no Brasil, que estratégias utiliza para compreender a língua portuguesa e dê uma sugestão para que o programa possa melhorar a receptividade aos alunos estrangeiros.

A aplicação deste questionário foi realizada virtualmente, ou seja, ele foi enviado aos discentes e preenchido de forma on-line. Como forma mais viável de alcançá-los já que muitos destes discentes hispanofalantes estão espalhados por vários campi da UFPA. Como Castanhal, Altamira, Belém entre outros. E também resultou em uma via mais simples de

diálogo com eles, pois a soma de trabalhos, tempo disponível dentre outros fatores, tornaria a pesquisa mais dificultosa.

Desenvolvimento

A perspectiva intercultural

Falar de interculturalidade em tempo pós-moderno é deslizar sobre diversos fatores que incorporam a sociedade em geral, especificamente, a brasileira. Articular sobre elementos intra e extra culturais, envolve explorar a identidade, relações e contatos híbridos de diferentes culturas de diferentes povos. Nesta discussão nos ateremos a diversas incógnitas, a noção e o conceito de interculturalidade, a dinâmica da identidade, as relações sociais, hibridização de culturas e o papel da educação superior nas relações interculturais.

Antes de adentrar ao conceito de Interculturalidade. O que se sabe sobre o conceito de cultura? Vários teóricos expõem diversas ideias sobre o conceito de cultura, ou de forma corriqueira, ouve-se que “cultura é tudo aquilo que produzimos”. Porém, para o autor Daniel Mato (2005), o conceito de cultura vai mais além do que a humanidade tem por produção:

Sin embargo, pienso que tanto a los fines tanto del trabajo de investigación, como de otras formas de acción, resulta más fructífero asumir que “cultura” no es una cosa o conjunto de cosas. Ni tampoco es un conjunto de atributos que cabría suponer que caracterizarían (de manera relativamente estable) a un cierto conjunto de sujetos, sino que es una perspectiva, una manera de ver, mirar e interpretar las experiencias sociales. “Cultura” no es un objeto y por tanto tampoco es un sustantivo, sino que denota una mirada, sea ésta la del investigador o las de otros actores sociales. En tal sentido es un adjetivo. (Mato, 2005, p. 121).

O pensamento de Mato revela que cultura não é matéria substancial, tampouco atributos de um determinado grupo de sujeitos. Ele afirma que a cultura é uma perspectiva, é saber olhar e interpretar as experiências sociais. A partir deste conceito de cultura, pode-se discorrer seguramente sobre os ideais de interculturalidade. Evidenciar como o processo intercultural funciona já perpassado pela raiz de sua significação.

Um budista em um bate-papo com um cristão. O espírita que estuda com o mulçumano. A umbandista que trabalha com um judeu. Estes são simples exemplos religiosos de que como as culturas estão cada vez mais relacionadas. Seja no trabalho, nos estudos, em momentos de entretenimentos. Pessoas que possuem crenças, valores

distintos estão cada vez mais próximas. Entretanto a história mostra que a humanidade tem sérios problemas com a tolerância, seja ela religiosa, étnica, social, econômica, política e outras mais. O imperialismo, o nazismo, as guerras mundiais são exemplos de como os seres humanos possuem dificuldades para aceitar as diferenças entre si.

A Interculturalidade é uma teoria que vem sendo discutida em diversos campos do conhecimento. Contudo, este trabalho se deterá em discuti-la no seio da educação. A diversidade de estudos interculturais atravessa países de vários continentes, desde as Américas à Europa. “A educação intercultural surgiu no século XX, simultaneamente na América Latina, Europa e EUA. Na América Latina, seu alvo foram os povos indígenas. Já na Europa e EUA, refletiu-se na educação de crianças migrantes”. (Cariman, 2015, p.01).

Considerações Finais

Dos pensamentos socráticos a Mahatma Gandhi, esta pesquisa inteira: “somos cidadãos do mundo”. Acima dos poderes de qualquer terra por este planeta afora, os seres humanos são cidadãos onde estiverem. Essa é a mensagem final desta pesquisa. Esta investigação pela proposta da Interculturalidade visou identificar que os “hermanos” da América Latina também possuem uma marca cultural nesse país. E negativamente, são vítimas também de preconceitos variados. Mas que isso não os impedem de se relacionarem com os brasileiros.

As teorias interculturais com a educação, incentivam e propõem diversas formas de promover uma relação mais humana entre os povos que possuem culturas mais semelhantes até as mais diferentes. Para que haja o respeito, a tolerância, e quem sabe as possíveis hibridizações culturais. São técnicas que tentam fazer com que o homem pós-moderno seja capaz de se ver no outro, olhá-lo sem desdém, sem inferioridade. Que sejam pessoas capazes de complacência, que antes do certo ou errado venham “eu preciso conhecer primeiro e entender como funciona”, sem o julgamento e nem a desaprovação. Somente o respeito, o entendimento e a tolerância.

Após a análise sobre este estudo da interculturalidade no papel estudantil da pós-graduação, considera-se como medida para aprimorar a recepção e estadia destes

discentes estrangeiros, permitir o uso da língua espanhola nos trabalhos acadêmicos, como língua oficial. A possibilidade de cursos de língua portuguesa para estes estudantes. Para que possam melhorar sua oralidade, escrita e audição. São elementos que facilitariam a inter-relação entre brasileiros e hispano-americanos, um espaço de voz para que culturas diversas possam coexistir e aprender uma com a outra, para que assim, o respeito e os direitos humanos sejam mais que teorias em folhas de papel.

Referências

CARIMAN, Abarca Geraldine. **Educación Intercultural Bilingüe: Educación y Diversidad**. Apuntes. Educación y Desarrollo Post- N° 9. 2015. Disponível em: <<http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Santiago/.../APUNTE09-ESP.pdf>>. Acesso em: 08 de mar 2017.

EBANA, NguemaAvaro M^a Teresa; CABEZAS, Ruiz Adiel. **Necesidades de formación del profesorado en la competencia intercultural en Malabo, Guinea Ecuatorial**. Indivisa, Bol. Estud. Invest. 2016, n°16, pp.105-126 ISSN: 1579-3141. Disponível em: <http://indivisa.lasallecentrouniversitario.es/Volumenes/Documents/Vol_16/art.%205.pdf>. Acesso em: 08 de mar 2017.

FIGUEROA, Luna Laura. **Educación Mapuche e interculturalidad: Un análisis crítico desde una etnografía escolar**. Volumen 47, N° 4, 2015. Páginas 00-00Chungara, Revista de Antropología Chilena. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/chungara/2015nahead/aop4015.pdf>>. Acesso em: 08 de mar 2017.

FUENTES, Riedemann Andrea. **La Educación Intercultural Bilingüe en Chile: ¿ampliación de oportunidades para alumnos indígenas?**. Indiana 25 (2008), 169-193. Disponível em: <http://www.iai.spkberlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Indiana/Indiana_25/Indiana_25_169-193_Riedemann.pdf>. Acesso em: 12 de mar 2017.

Perfil dos alunos da EJA e reflexões sobre as aulas de ciências em duas escolas urbanas no Pará, Brasil

Alessandro Gatinho dos Reis

José Edilson Ferreira Brito

Wilker Gonçalves Melo

Resumo

A educação de Jovens e Adultos, EJA é uma modalidade de ensino que oportuniza a recuperação e a continuidade dos estudos por jovens, adultos e idosos. A evasão escolar nas turmas da EJA é um quadro bastante perceptível. Entretanto, o que está por detrás das cadeiras vazias das salas de aulas? Que vivências tornam tão difíceis o acesso à escolarização para estes alunos? Pensando nisso, este estudo buscou baseado nas percepções dos alunos da EJA, identificar os aspectos da vida cotidiana e escolar destes estudantes que interferem no bom aproveitamento das aulas de Ciências. Dessa forma, 102 estudantes, de duas escolas urbanas de Augusto Correa e Bragança, Pará, participaram deste estudo. Sendo que, a maioria pertencia ao sexo feminino, eram jovens, solteiros, sem filhos e que não possuíam atividade remunerada. Quanto às dificuldades para estudar apontaram para o cansaço, seguida pelas dificuldades de aprendizagem e desmotivação. Quanto aos motivos para interrupção dos estudos apontaram a gravidez, os cuidados com os filhos, a proibição do cônjuge de estudar e as dificuldades financeiras. De acordo com estes alunos, o bom professor de Ciências deve transmitir bem o conteúdo, ter uma postura acolhedora, ser pontual e assíduo. Os assuntos em que apresentam maior dificuldade estão os relacionados à química. Dentre os recursos e metodologias que mais facilitam as suas aprendizagens estão os documentários, a realização de aulas experimentais, a elaboração de trabalhos escritos sobre o conteúdo e a apresentação de seminários. A partir dessas informações pode-se perceber que o aluno da EJA possui uma diversidade de situações que colaboram com o seu distanciamento da sala de aula. Entretanto, tornam-se necessárias intervenções didáticas, mas também que o professor concilie práticas que possam aproveitar o potencial estes alunos trabalhando duas vivências e entendendo o contexto das diferentes vivências destes alunos. Estes resultados apontam para uma atenção especial para auxiliar estes alunos na continuidade de seus estudos, principalmente na disciplina de ciências que possui aplicação forte com as vivências cotidianas, e isto é algo que alunos jovens e adultos possuem com propriedade

Palavras-chave: educação de jovens e adultos; perfil dos alunos da EJA; professor de ciências.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino complexa

porque envolve dimensões que transcendem a questão educacional. Até uns anos atrás, essa educação resumia-se à alfabetização como um processo compreendido em aprender a ler e escrever. (Strelhow, 2010, p.49)

[...] é um campo de práticas e reflexão que inevitavelmente transborda os limites da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando a qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política e um sem número de questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar (Pierro, 2001, p.58).

Se olharmos para a educação brasileira, desde o período colonial, poderemos perceber que ela tinha um cunho específico direcionado às crianças, mas “indígenas adultos foram também submetidos a uma intensa ação cultural e educacional”. [...] Com a saída dos jesuítas do Brasil em 1759, a educação de adultos entra em colapso e fica sob a responsabilidade do Império a organização e emprego da educação. A identidade da educação brasileira foi sendo marcada então, pelo elitismo que restringia a educação às classes mais abastadas.(Strelhow, 2010, p.51)

Com a expulsão dos jesuítas de Portugal e das colônias em 1759, pelo Marquês de Pombal toda a estrutura organizacional da educação passou por transformações. A uniformidade da ação pedagógica, a perfeita transição de um nível escolar para outro e a graduação foram substituídas pela diversidade das disciplinas isoladas. Assim podemos dizer que a escola pública no Brasil teve início com pombal os adultos das classes menos abastadas que tinha intenção de estudar não encontravam espaço na reforma Pombalina, mesmo porque a educação elementar era privilégio de poucos e essa reforma objetivou atender prioritariamente ao ensino superior (Moura, 2003, p. 27).

Agora com a chegada da família Real no Brasil, ainda no Império, a educação estava se voltando para a criação de cursos superiores, com o proposito de satisfazer os interesses da elite monárquica dando inicio a construção de vários fatores determinantes que impulsionou a “independência” política no País.

Havia uma grande discussão em todo o Império de como inserir as chamadas camadas inferiores (homens e mulheres pobres livres, negros e negras escravos, livres e libertos) nos processos de formação formais. E a partir do Ato Constitucional de 1834, ficou sob a responsabilidade das províncias a instrução primaria e secundária de todas as pessoas, mas que foi designada especialmente para jovens e adultos (Strelhow, 2010, p. 51).

No período Republicano, o modelo educacional não sofreu nenhuma mudança, pois ainda privilegiava a elite dominante, com isso, o numero de adultos analfabetos continuou grande. Nesse período a educação de jovens e adultos era feita por princípios

missionários e caridosos, pois a alfabetização dessas pessoas era caracterizado como um ato de caridade das pessoas letradas às pessoas perigosas, sem nenhuma instrução.

Em 1879, a Reforma Leôncio de Carvalho via o analfabeto como incompetente e dependente. Em 1881, a Lei Saraiva corrobora com a ideia da Reforma de Leôncio de Carvalho e restringia o voto somente às pessoas alfabetizadas. Em 1882, Rui Barbosa postula que “os analfabetos são considerados, assim, como crianças, incapazes de pensar por si próprios”.

Anos e anos se passaram e o descaso com a educação continuou na mesma, os jovens e adultos analfabetos foram crescendo e levou o Brasil a alcançar a incrível marca de 72% de analfabetismo em 1920.

Em 1934, foi criado o Plano Nacional de Educação que previa o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas. Esse foi o primeiro plano na história da educação brasileira que previa um tratamento específico para a educação de jovens e adultos. (STRELHOW, 2010, p.52)

Entretanto,

A primeira grande iniciativa do Governo Federal em favor da Educação de Jovens e Adultos só aconteceu em 1947, num momento de uma nova conjuntura política mundial, com o pós-guerra e o início da Guerra Fria, ocasião em que o Brasil saía da ditadura de Getúlio Vargas e entrava num período de redemocratização. Foi nesse cenário que teve início a grande campanha de alfabetização de adolescentes e adultos, do Ministério da Educação e Saúde, coordenada por Lourenço Filho, cujo objetivo era levar, para os grupos sociais menos favorecidos, a educação de base, a partir da influência desenvolvida pela UNESCO (Costa; Sobrinho; Dias, 2007, p. 4).

Na segunda metade dos anos 50, com a instauração do governo JK e o seu projeto de desenvolvimento nacional, a questão educacional passou a ser dirigido ao ensino técnico-profissionalizante e a educação voltada para o trabalho. Foi então que grupos políticos que disputavam o poder iniciaram um debate em questão dos conteúdos desses novos projetos voltados para as áreas educacionais.

No início dos anos 60 surgiu o Movimento Cultural Popular do Recife (MCP), e elaborou uma cartilha de alfabetização com conteúdos ideológicos e populares, que seria adotada depois por algumas entidades da sociedade da época. E foi nesse período ainda que surgiu, um educador comprometido com a EJA no Brasil, o chamado Paulo Freire.

Ainda nos anos 60 surge o Militarismo, onde no ano de 1964 acontece o Golpe Militar. Com o militarismo, os programas que tinham o objetivo a constituição de uma transformação social foram abruptamente interrompidos com a apreensão de materiais, detenção e exílio de seus dirigentes.

O exílio não impediria, entretanto, que o educador Paulo Freire continuasse a desenvolver no exterior sua proposta de alfabetização de adultos conscientizadora, utilizando palavras geradoras que, antes de serem analisadas do ponto de vista gráfico e fonético, serviam para sugerir a reflexão sobre o contexto existencial dos jovens e adultos analfabetos, sobre as causas de seus problemas e as vias para sua superação (Di Pierro, Joia e Ribeiro, 2001, p. 72).

Em 1968 foi criado o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que tinha como objetivo, alfabetizar e promover uma educação continuada, para diminuir massivamente a quantidade de analfabetos no país.

Na década de 1970, ocorreu a expansão do MOBREAL, em termos territoriais e de continuidade, iniciando-se uma proposta de educação integrada, que objetivava a conclusão do antigo curso primário. Paralelamente, alguns grupos que atuavam na educação popular continuaram a alfabetização de adultos dentro da linha mais criativa (Dias e Perehouskei, 2012, p. 34).

Em 1985, o MOBREAL foi extinto surgindo a Fundação Educar, que abriu mão de executar diretamente os projetos e passou a apoiar financeira e tecnicamente as iniciativas existentes (Dias e Perehouskei, 2012, p. 35).

Em 1996, havia sido aprovada a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ou seja, a Lei 9394/96, orientada pela Constituição de 1988, que já assegurava o acesso de todos à escola, ou seja, o direito à educação para todos. A LDB torna esse direito mais evidente para a EJA quando garante a oferta de educação escolar para jovens e adultos (Costa; Sobrinho; Dias, 2007, p. 6-7).

O Conselho Nacional de Educação emite então um Parecer reconhecendo a dívida social e a necessidade de investimento pedagógico nesta modalidade de Ensino. A reorganização curricular e a ressignificação de experiências e etapas anteriores desafiaram também os estados, e Diretrizes Curriculares são construídas visando a implementação da Política Educacional para adultos e jovens trabalhadores.

Na segunda metade dos anos 90, a partir da constituição de 1988, e da promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, (Lei 9394/96) as novas configurações do cenário nacional são incorporadas a legislação nacional. A Educação de Jovens e Adultos é reconhecida então como uma modalidade de ensino nos textos da nova LDB, sendo dois artigos destinados, (37 e 38) para caracterizar essa modalidade.

O contexto da EJA na atualidade ainda apresenta muitos desafios quando o que se busca é a inclusão dos excluídos por muitos anos do direito a educação de qualidade.

Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001), dizem que:

Superar a concepção de que a idade adequada para aprender é a infância e a adolescência e que a função prioritária ou exclusiva da educação de pessoas jovens e adultas é a reposição da escolaridade perdida na “idade adequada”. Reconhecendo, de um lado, que jovens e adultos são cognitivamente capazes de aprender ao longo de toda a vida e que as mudanças econômicas, tecnológicas e socioculturais em curso [...] impõem a aquisição e atualização constante de conhecimentos pelos indivíduos de todas as idades. [...] Sendo tais necessidades múltiplas, diversas e cambiantes, as políticas de formação de pessoas adultas deverão ser necessariamente abrangentes, diversificadas e altamente flexíveis, (p. 70).

Nos anos de 1990 os desafios da EJA passaram a ser o estabelecimento de uma política e metodologias criativas, com o ensino fundamental de qualidade já universalizado. Ocorreu então um crescente reconhecimento da importância da EJA para o fortalecimento de formação cultural da população e da cidadania devido as conferências organizadas pela UNESCO, esta criada pela ONU, responsável pela incrementação da educação nos países em desenvolvimento.

Em 1999 aconteceu no Rio de Janeiro o 1º ENEJA (Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos) da qual participaram os fóruns do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, foi apenas um estímulo para o surgimento de outros fóruns nos anos seguintes.

Chegamos então no século XX com uma taxa de pessoas que não tem o domínio sobre a leitura e a escrita, e a Educação de Jovens e Adultos recebeu do Governo Federal prioridade, com a criação da secretaria extraordinária de Erradicação do Analfabetismo.

Surge então o Programa Brasil Alfabetizado, coordenado pelo Ministério da Educação, contando com a participação de órgãos públicos estaduais, municipais, instituição de ensino superior e organizações sem fins lucrativos. O programa direcionou suas ações para projetos de formação de alfabetizadores e a alfabetização de jovens e adultos.

Sobre o trabalho

As informações apresentadas neste trabalho são resultantes de uma pesquisa feita

com alguns alunos da EJA, de duas escolas, uma localizada na cidade de Bragança e a outra situada na cidade de Augusto Corrêa, ambas do estado do Pará. Trata-se de informações de cada aluno pesquisado, a fim de conhecê-los, de forma que essas informações nos dê a possibilidade de identificar as dificuldades que cada aluno tem em relação aos estudos nessa modalidade que é a EJA.

As informações coletadas a partir de um questionário nos mostrará a realidade que cada aluno passa, fora e dentro da escola, sabe-se que cada um possuem suas particularidades, e o questionário nos dará a possibilidade de conhecer cada um, suas dificuldades nos estudos, o porquê não conseguem assimilar os conteúdos, se possui algo que os ajudaria nesse contexto e principalmente o porquê de terem seus estudos interrompidos.

Não esquecendo que o professor é uma peça fundamental para que os alunos possam ter uma educação adequada, pois é através das explicações do professor que se tem uma maior assimilação dos conteúdos por ele ministrado. Mas o que pensa os alunos sobre o professor, como o mesmo poderia os ajudar a ter um melhor entendimento dos conteúdos, enfim, os alunos através do questionário poderão dizer o que pensam sobre os professores.

Alunos que por algum motivo tiveram seus estudos interrompidos tem a possibilidade de voltarem para concluí-los ou até mesmo de iniciá-los, quando se trata de pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar na sua adolescência, pois a EJA proporciona a oportunidade das pessoas que não estão mais adéguas ao ensino fundamental regular, concluir o primeiro grau em um período menor do que levariam no ensino regular.

Dessa forma a EJA não só os prepara para a formação escolar como também para a formação de pessoas sociais críticos, e preparados a lidar com as constantes transformações que o mundo passa.

Os alunos de Educação de Jovens e Adultos têm um traço de vida, origens, idade, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamentos muito diferentes. São pessoas que vivem no mundo do trabalho, capitalismo, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e Moraes formado a partir

da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos e nada disso deve ser relevado no processo educacional (Sousa; Cunha, 2010, p. 2).

Os alunos que escolhem voltar para a sala de aula, encontram na EJA, uma forma de recuperar o tempo perdido, tempo esse que fora interrompido por motivos pessoais ou sociais.

A oportunidade de ter em mãos o certificado do primeiro grau leva muitos alunos a procurar a escola, continuar seus estudos, pois se tem a certeza de que muitos que faziam parte da grande população analfabeta deixam de ser a partir do momento que voltam ou entram na escola e conclui a modalidade.

Objetivos gerais

Mediante as dificuldades que muitos alunos encontram na sala de aula da EJA, como por exemplo, a dificuldade de assimilação de determinados assuntos repassados pelo professor, buscou-se através de aplicação de questionários, realizar um levantamentos de dados, com o intuito de gerar informações que permitam traçar um perfil desses alunos participantes da EJA, que possa estar norteando as metodologias de ensino aplicadas pelo professor. Deste modo, pode-se conhecer o que cada aluno pensa com relação à aula, o que falta e o que o poderia os ajudar a ter um melhor entendimento dos assuntos, uma melhor assimilação dos conteúdos. Para que professor possa está ciente de que ele está repassando o assunto e o aluno aprendendo.

Traçado o perfil dos alunos da EJA, pode-se também conhecer as principais dificuldades que eles têm em relação ao estudo, o que os levaram a optar por esta modalidade, se possuem perspectiva de vida, se querem somente terminar o primeiro grau entre outros elementos que esse trabalho ira apresentar.

Objetivos específicos

Através do perfil traçado têm-se informações necessárias para que o professor veja onde ele não esta acertando com os alunos em relação aos assuntos, deste modo, o professor poderia está adaptando sua metodologia de ensino e assim deixar a aula mais

interessante ou até mesmo de um modo que venha a fazer com que os alunos possam aprender.

Metodologia

Buscar, pesquisar, observar, aplicar, recolher, analisar e levantar dados.

A busca pelas informações se deu através dos tópicos à cima, de modo que essas ações ajudaram e contribuíram para o levantamento dos dados que se buscava. Foram aplicados 102 questionários em quatro turmas de duas escolas, ambas de cidades diferentes e que possuíam em seus espaços físicos turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A primeira foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Simpliciano Fernandes Medeiros Junior, localizado na cidade de Bragança e contava com 4 turmas da EJA, duas de terceira etapa e duas de quarta etapa, e a segunda, foi na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosa Athayde, localizada na cidade de Augusto Corrêa, e contava com 6 turmas da EJA, duas delas terceira etapa, e quatro turmas de quarta etapa.

Na primeira escola os questionários foram aplicados a 42 alunos de duas turmas de quarta etapa da EJA, levaram 10 minutos para responder as 17 perguntas que formavam o questionário, 14 delas eram perguntas fechadas com alternativas, e as restantes abertas. Na segunda escola os questionários foram aplicados para 60 alunos de duas turmas de quarta etapa da EJA, e levaram o mesmo tempo da primeira escola para responderem.

Logo abaixo há o modelo dos questionários que fora usado para o levantamento dos dados.

Questionários para os alunos

1º) **Qual seu sexo?** () Masculino () Feminino

2º) **Qual dessa faixa etária você se enquadra?** () 18 a 25 anos () 26 a 50 anos () > 50 anos

3º) **Qual seu estado civil?** () Solteiro () Casado () Separado/divorciado () Outros

4º) Quantidade de filhos: () 0 1 () ou 2 () 3 ou 4 () 5 ou mais

5º) **Você trabalha?** () Sim () Não. **Qual sua profissão?** _____

6º) **Qual sua série?** _____

7º) **Você tem ou recebeu incentivo dos seus pais para estudar?** () Sim () Não

8º) **Você gosta de estudar?** () Sim () Não

9ª) **O que mais te incomoda na hora de estudar?**

() Cansaço () Pouco tempo () Desmotivação () Dificuldade de aprender () Outros

10ª) **Como você percebe seu professor?**

() Pessoa comum () Pessoa despreparada () Facilitador () Transmissor de conteúdos

11º) **Para você que características deve ter um bom professor?**

() Explicasse bem o conteúdo () Pontual e assiduidade () Fosse mais amigo

12ª) **O que uma boa aula de ciências deve ter?**

13º) **Até onde você deseja ir com seus estudos?**

() Concluir apenas o ensino médio () Fazer faculdade () Fazer pós-graduação

14º) **Como esta sendo sua aprendizagem?** () regular () boa () ótima

15ª) **Que conteúdo de ciências você sente maior dificuldade?**

() Química () Física () Biologia. Especifique: _____

16ª) **Por que sente dificuldade?**

17ª) **Teve, em alguma fase de sua vida, que interrompeu seus estudos?** () Sim () Não

Resultados

Após a aplicação de todos os 102 questionários nas quatro turmas, só então pôde-se analisar os dados e separá-los. Para cada pergunta um resultado e para cada resultado um gráfico foi criado, com exceção a pergunta 6, pois o mesmo se trata da série, e como os questionários foram passados somente para os alunos da EJA, foi desnecessário criar um gráfico, sendo assim, foi pulado a pergunta 6 e os outros gráficos foram colocados em numeração continuada.

As perspectivas para um bom resultado tornou-se os mesmos significativamente ótimos, pois através dos dados, teve-se uma ideia do qual importante é estudar o público da EJA.

O gráfico abaixo mostra a questão do sexo dos 102 alunos entrevistados nas duas escolas.

Gráfico 1 - Quanto ao sexo dos alunos



Percebe-se que a maioria dos alunos entrevistados são mulheres, apesar das dificuldades que possam impedi-las de estudar, o público em massa é do sexo feminino, diante das limitações do dia a dia vê-se que elas lideram nas salas da EJA. Uma observação visível é que a idade dos estudantes da EJA cada vez mais diminui se fizermos uma comparação dos jovens com relação aos adultos, como mostra no gráfico 2.

Gráfico 2 - Quanto a idade dos alunos da EJA



O número de jovens é bem maior com idade entre 18 e 25 anos com relação aos adultos que totalizando as idades entre 26 e 50 anos somam 19%, um detalhe importante também é que em amarelo têm-se quinze por cento de adolescentes com idade menor de 18 anos, o que significa que esses alunos poderiam estar estudando no ensino regular.

Nos próximos gráficos há uma comparação entre dois tópicos, o estado civil dos alunos e se os mesmos possuem ou não filhos.

Gráfico 3 - Quanto ao estado civil dos alunos

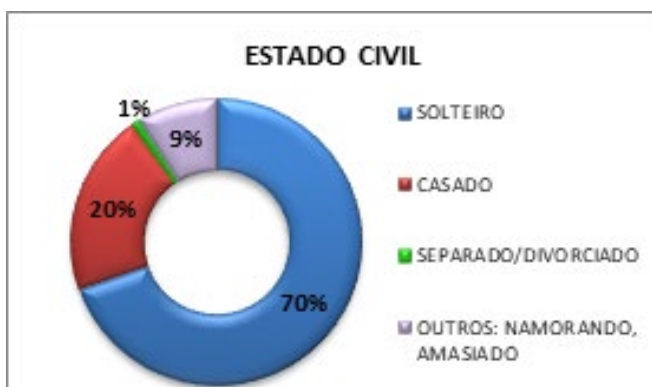
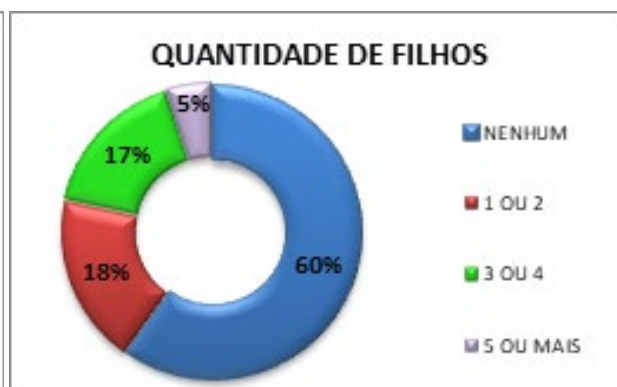


Gráfico 4 - Quanto a quantidade de filhos dos alunos



No gráfico 3 referente ao estado civil dos 102 alunos entrevistados, 70% são solteiros, 20% casados 1% separado/divorciado e os 9% se refere-se aqueles que estão namorando ou amasiados. No gráfico 4 referente a quantidade de filhos tem-se de 102 alunos, 60% que não possuem filhos, ou seja, se 70% são solteiros, logo, a maioria não terá filhos, segue-se ainda que 18% possuem de 1 a 2 filhos, 17% de 3 a 4 filhos e 5% possuem de 5 ou mais filhos.

Em seguida, foi perguntado se os alunos trabalhavam, e disseram que optam pela EJA, por que durante o dia não tem tempo para estudar.

Gráfico 5 - Referente ao trabalho



O gráfico acima mostra que 47% dos alunos entrevistados trabalham, e que escolhem trabalhar durante o dia e estudar durante a noite, e o cansaço o principal motivo de sentirem-se incomodado durante os estudos como mostra o gráfico 7.

Mesmo estando um pouco atrasados nos estudos muitos alunos sentem-se incentivados pelos pais a estudar, para que futuramente possam concluir o segundo grau.

Gráfico 6 - Referente ao incentivo dos pais



Dos 102 alunos, 75% recebem incentivos dos seus pais, e segundo relatos de um dos alunos, o incentivo dos pais é o mais importante para que você possa terminar seus estudos e conseguir uma vida profissional, mais isso fica limitado, pois o que também interfere na vida escolar dos alunos são problemas que surgem antes, durante e depois das aulas, um exemplo disso é o incomodo na hora de estudar.

O gráfico seguinte mostra o que mais incomoda os alunos durante a aula que pode levar a descontração e assim uma aprendizagem reduzida.

Gráfico 7 - O que mais incomoda na hora de estudar



A maioria dos alunos que somam 36% determinam que o cansaço é o principal motivo que os incomoda na hora de estudar e como já foi dito, isso leva a um baixo rendimento escolar, e uma baixa concentração, 18% determinam que a falta de tempo é o que os levam ao incomodo, pois sem tempo suficiente para estudar isso torna os estudos corridos segundo eles, 7% sentem-se desmotivados, 18% afirmam que a dificuldade da aprendizagem durante a aula é o principal motivo pois sem entender acham que não vão aprender, 19% sentem preguiça e não possuem vontade de estudar.

O que pode interferir também é a forma do professor repassar seus assuntos, pode ser que mediante o modo ou a didática que é repassada de professor para alunos eles possam ser beneficiados ou até mesmo prejudicados, por isso foi feita uma pergunta exclusivamente relacionada ao professor.

Gráfico 8 - Como seria o professor ideal

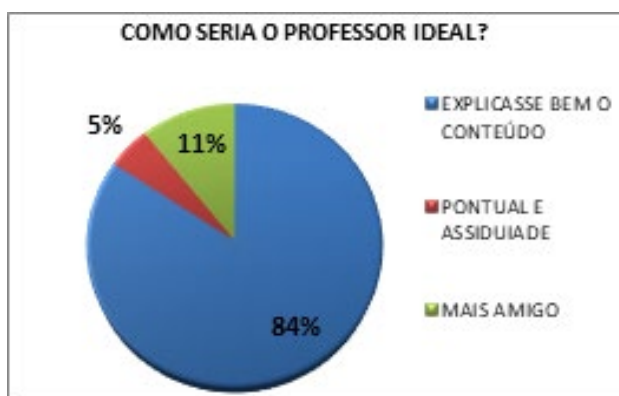


Gráfico 9 - O que um boa aula de ciências deve ter



O gráfico 8 mostra que 84% dos alunos disseram que o professor ideal seria aquele

que explicasse bem o conteúdo, isso significa que para o entendimento dos alunos isso fica a desejar, de forma que o professor não explica bem o conteúdo, 5% mostra que a pontualidade e assiduidade não é o “forte” dos professores, pois a pontualidade é importante para que a aula seja dada por completo e que dê tempo para os alunos tirarem as suas dúvidas, e 11% achariam que o professor ideal seria aquele cujo fosse mais amigo dentro e fora da sala de aula.

Já o gráfico 9, mostra que para um boa aula de ciências 62% dos alunos acham que falta a parte dos professores quanto a boa explicação, 15% achariam que fazer aulas diferentes seria o mais indicado e 8% que as aulas fossem boas e divertidas.

O que mais foi surpreendente é que por mais que os alunos estejam atrasados em seus estudos, eles mostraram que querem ir além, ou seja, não somente ter o primeiro grau completo, como mostra o próximo gráfico.

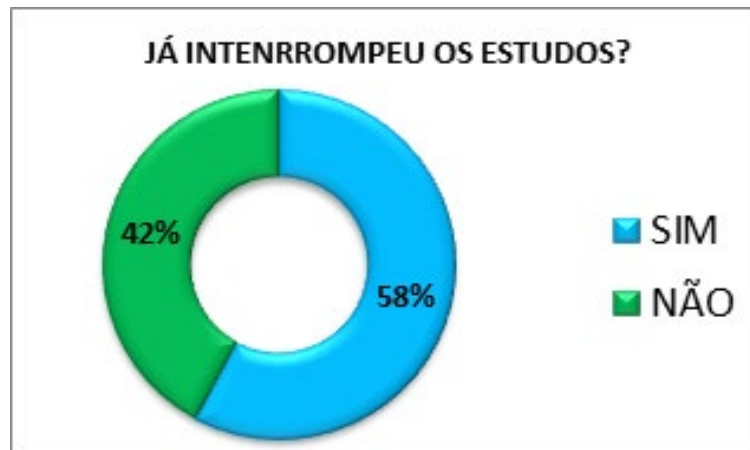
Gráfico 10 - Até onde deseja ir com os estudos



Dos 102 alunos entrevistados 12% querem apenas terminar o segundo grau, pois segundo eles depois do primeiro grau, o ensino médio completo é mais importante, 68% querem ir além do primeiro e segundo grau, querem fazer uma faculdade, isso mostra que o tempo não os impede de possuir o ensino superior, e outros 20% querem ir mais além, possuir em sua carreira, uma pós-graduação.

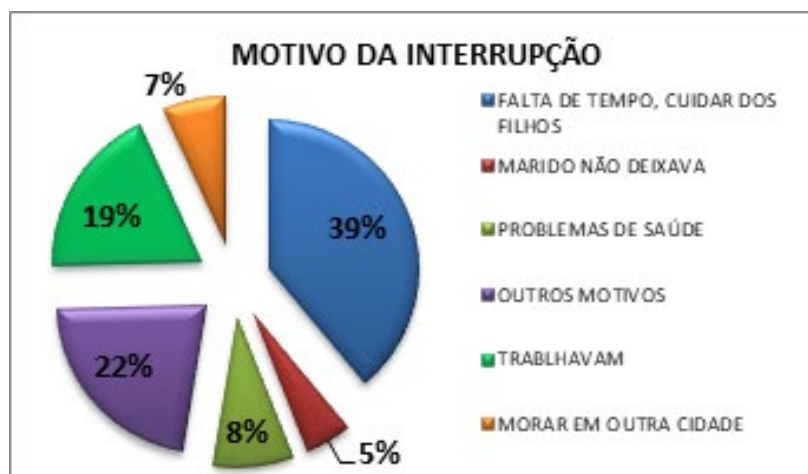
Para muitos a preocupação é não conseguirem ter o segundo grau, pois muitos relatam que já desistiram de estudar, mesmo assim não perder a oportunidade de construir uma carreira profissional. Uma das perguntas do questionário era se eles já interromperam os estudos e o resultado está logo em seguida.

Gráfico 11 - Interrupção dos estudos



A maioria dos alunos relatou que já tiveram seus estudos interrompidos, 58% confirmam isso, 42% disseram que não tiveram interrupções, e os motivos dessas, é destaque do próximo gráfico.

Gráfico 11 - Motivo da Interrupção dos estudos



Dos alunos que confirmaram já terem interrompido os estudos, 39% deles afirmaram que o principal motivo é a falta de tempo para estudar, nesse caso as mulheres e alguns homens tiveram que ceder seu tempo de estudo para cuidar dos filhos, 5% interromperam, pois o marido não deixava, 8% relataram que causa foi problemas de saúde, 19% dos alunos disseram que trabalhavam, o que os deixavam cansados e sem tempo para seus estudos, 7% foram morar em outra cidade e os 22% responderam que foram outros motivos a principal causa da interrupção.

Referências

DA COSTA, Francisco Lincoln Matos; SOBRINHO, Francisco Paulo; DIAS, Livia Eline Farias. **O perfil dos alunos do PROEJA no CEFETCE: O que pensam e o que desejam.** 19p. Fortaleza, 2007.

DE SOUSA, Kezia Costa; CUNHA, Nathan da Silva. **Perfil dos alunos de Educação de Jovens e Adultos de Terezina.**

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA Orlando; RIBEIRO, Vera Masagrão. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.** Caderno Cedes, ano XXI, p.58-77, nov. 2001.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. **Breve historia da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.** Revista HISTEDBR On-line. Campinas, n.38, p.49-59, jun. 2010.

MOURA, Maria da Gloria Carvalho. **Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre a trajetória histórica.** Curitiba: Educarte, 2003.

DIAS, Letícia Pereira; PEREHOUSKEI, Nestor Alexandre. **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil: história e contradições.** Revista Unifamma, Maringá, v.11, n.1, p. 26-49, nov.2012. ISSN: 1677-8308

Educação ambiental na perspectiva lúdica de ensino aprendizagem

Alessandro Gatinho dos Reis

José Edilson Ferreira Brito

Wilker Gonçalves Melo

Resumo

O objetivo deste trabalho foi através descreve a importância da educação ambiental através de uma abordagem lúdica no ensino da educação. Através de atividades com recursos lúdicos ela oferece uma maneira envolvente e eficaz de promover a conscientização e a compreensão sobre questões ambientais. Com a educação ambiental incluída nos currículos escolares, é possível mostrar a real situação em que o planeta se encontra e o que pode ser feito para salvar a natureza. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com consulta em livros e sites, onde o assunto escolhido foi educação ambiental na perspectiva lúdica. O que se pode observar hoje, é a real necessidade de haver conscientização de toda a população, seja através das escolas ou outros meios, sendo então umas das melhores formas a inclusão da educação ambiental nas escolas.

Palavras-chave: educação ambiental; lúdico; conscientização.

Introdução

O tema abordado é um dos mais relevantes do momento, pois se trata de uma preocupação mundial, que é a educação ambiental. Esta, está sendo incluída nos currículos escolares também em universidades com o objetivo de conscientizar alunos, professores e a sociedade, para mudar costumes, pensamentos e hábitos errados em relação a natureza e também sobre nós, pois fizemos parte dessa natureza e temos o dever de preservar para a nossa própria sobrevivência.

Preocupação com o meio ambiente é uma das questões mais urgentes e importantes do nosso tempo. A necessidade de educar as gerações futuras sobre a importância da conservação e sustentabilidade do meio ambiente é cada vez mais evidente. No entanto, transmitir esses conceitos de forma eficaz pode ser um desafio, especialmente quando se trata de alunos jovens. É aqui que a perspectiva lúdica de ensino-aprendizagem na educação ambiental entra em cena, oferecendo uma abordagem envolvente e eficaz para promover a conscientização ambiental de uma maneira divertida e inspirada.

O objetivo deste estudo foi descrever de que forma é possível ensinar sobre a educação ambiental através de uma perspectiva lúdica.

Este estudo foi elaborado através de pesquisa bibliográfica com consulta em livros e sites, onde o assunto escolhido

Conceitos de educação ambiental

A preocupação com questões ambientais na educação se deve, à função básica da educação, que é modificar ou melhorar o pensamento do ser humano e, através dessa relação entre as pessoas e o meio ambiente em que elas vivem seja ainda mais próximo. (Fabrício, 2015, p. 49).

Conforme a Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental, entendem-se por educação ambiental:

Os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Brasil, 1999).

A educação ambiental deve ser administrada de forma permanente através de educadores que desenvolvem a consciência de sua realidade, e das relações entre os homens e com a natureza, das causas e efeitos derivados dessas relações. Essa ação vai obter um desenvolvimento da interação do educando com princípios e valores, o qual, vai ocorrer uma transformação de conceitos sobre a importância do meio ambiente, e que seja essencial ao desenvolvimento de atitudes e à transformação do comportamento humano (Fabrício, 2015, p. 49).

Em relação aos inúmeros documentos elaborados nos congressos e seminários vinculados à ONU e à Unesco sobre questões ambientais, ficou claro a urgência e a importância da educação ambiental onde há a integração do homem com o meio ambiente.

Segundo Marília Reis:

O processo educativo ambiental pode ser compreendido com base nas reflexões empreendidas sobre as relações entre o homem e a natureza e sobre a educação. Quanto mais abstrações (teoria) pudermos pensar sobre essas categorias simples (relação homem-natureza e educação), mais próximos estaremos da compreensão plena do processo educativo ambiental (Tozoni-Reis, 2004, p. 22).

Com uma visão de atuação da educação ambiental em uma série de condições que afirmem sua importância, entre as quais vamos destacar: gestão participativa; interdependência entre os fatores tecnológicos, ambientais, econômicos, políticos e sociais; compreensão e discernimento da realidade; consciência dos problemas em âmbito local, regional e global; visão de processos; conhecimento interdisciplinar; desenvolvimento da cidadania; valores éticos e cooperativos (Fabrício, 2015, p. 50).

Conforme foi explicitado na Conferência de Tbilisi, em 1977, a educação ambiental deve ser vista como:

Um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A educação ambiental também está relacionada à prática das tomadas de decisões e a [sic] ética que conduzem para a melhora da qualidade de vida (Sato, 2002, p. 23-24).

Baseada também nessa relação, a Carta de Belgrado (1975) define que “É na relação entre a escola e a comunidade, entre o sistema educacional e a sociedade, onde devem ser lançadas as fundações para um programa mundial de educação ambiental”(Brasil, 2012). Foi divulgado no I Congresso Mundial de Educação Ambiental, em Tbilissi as primeiras ações sobre a educação, a qual, foi plantada a “semente” da consciência ambiental (Albanus, 2013, p. 60).

O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis, o qual seria estabelecido na cidade do Rio de Janeiro em 1992, estabelece em seu princípio nº 3 (Albanus, 2013, p. 60): “A Educação Ambiental é individual e coletiva. Tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a sabedoria das nações” (Fórum..., 1992).

Quando o MEC incluiu a educação ambiental no ano de 1996 como tema nos currículos das instituições de ensino, teve como finalidade do ambiente educacional a contribuição para a formação de cidadãos conscientes e responsabilidades com o meio ambiente e com atitudes de proteção a ele. Mas também, cabe à escola colocar situações para que os alunos coloquem em prática suas capacidades de atuação (Fabrício, 2015, p. 51).

Entretanto, os PCN esclarecem que:

Não se pode esquecer que a escola não é o único agente educativo e que os padrões de comportamento da família e as informações veiculadas pela mídia exercem especial influência sobre os adolescentes e jovens. No que se refere à área ambiental, há muitas informações, valores e procedimentos aprendidos pelo que se faz e se diz em casa. (Brasil, 1996, p. 187)

Segundo Reigota (2006, p. 21),

Para que possamos realizar a educação ambiental, é necessário, antes de mais nada, conhecermos as concepções de meio ambiente das pessoas envolvidas na atividade [...].

A educação ambiental deve orientar-se para a comunidade. Deve procurar incentivar o indivíduo a participar ativamente da resolução dos problemas no seu contexto de realidades específicas.

A citação de Reigota tem como base, a educação ambiental ter como objetivo à identificação e à busca de solução para os problemas ambientais locais e também a relação desses problemas com a população ao seu redor, a qual, impacta a convivência dos grupos humanos com a natureza (Albanus, 2013, p. 61).

Conforme afirma Carvalho (2004, p. 51) que “a educação acontece como parte da ação humana de transformar a natureza em cultura, atribuindo-lhe sentidos na compreensão e na experiência humana, existindo a necessidade de se promover o desenvolvimento sustentável”.

Educação ambiental e o uso do lúdico

A criança é um ser integral em suas potencialidades e está inserida em um contexto social em constante transformação. Assim o profissional que atua na educação precisa identificar os condicionantes sociais e econômicos, culturais e afetivos existentes no meio em que as crianças vivem.

O conhecimento de áreas específicas relacionadas ao desenvolvimento e à aprendizagem aponta que uma criança que tenha recebido estimulação inadequada nos aspectos psicomotores encontra dificuldades na aprendizagem nas diferentes áreas de conhecimento, que será percebido pelos pais, professores e pedagogos desde os primeiros anos do ensino fundamental. Isso se justifica porque, quando uma criança não vivencia corporalmente determinados conteúdos, ela não lhes retribui significado condição essencial para o processo de formação de conceitos.

Sendo assim, o ensino da educação ambiental na educação infantil pode ser através de ação lúdica proposta pelo jogo, pelo brinquedo e pela brincadeira, é por excelência um dos recursos pedagógicos que possibilitam o desenvolvimento integral da criança, desde a creche. Além de estimular as diferentes áreas de desenvolvimento, pode ser utilizada como recurso pedagógico para o desenvolvimento de habilidades ligadas à aprendizagem de diferentes áreas de conhecimento.

Para Rau (2007, p. 32) “o pressuposto é de que uma prática pedagógica proporcione alegria aos alunos durante o processo de aprendizagem ou seja, um processo dialético de levar o lúdico a sério, proporcionando o aprender pelo jogo, logo aprender brincando”.

O uso de jogos e brincadeiras como recurso pedagógico possibilita a significação de conceito para as crianças, por ser um dos únicos recursos que trabalha com diferentes tipos de linguagem ao mesmo tempo. Áreas como a pedagogia e a psicopedagogia destacam a importância do desenvolvimento das linguagens ao mesmo tempo.

Segundo Moyles (2006):

O brincar socio dramático pode favorecer as habilidades de linguagem e de desempenho de papéis enquanto o brincar construtivo pode incentivar o desenvolvimento cognitivo e a formação de conceitos. Esses aspectos do desenvolvimento cognitivo podem ser critérios escolares de realização acadêmica, embora não sejam idênticos a eles (Moyles, 2006, p. 27).

Os autores que se destacaram ao usar as brincadeiras na infância e na educação, em diferentes países, descrevem o brincar como parte integrante do universo infantil. Entre esses autores temos as pesquisas de Friedmann (1996), Kishimoto (1998) e Moyles (2002).

O processo da aprendizagem é vital para o progresso do desenvolvimento do dos alunos, se faz necessário que seja incluído no currículo a brincadeira, implementação da brincadeira em muitos aspectos influencia e ajuda na aprendizagem (Moyles, 2002 p. 106).

O jogo utilizado na sala de aula é um meio para a realização dos objetivos educacionais. Assim a atuação do professor interfere na valorização das características e potencialidades dos brinquedos e de suas estratégias de exploração. Ao utilizar o jogo como recurso pedagógico, ele pode oferecer informações sobre sua utilização estimulando e desenvolvendo as potencialidades da criança em situações de aprendizagem. Para Rau (2007, p. 50) “a utilização do lúdico como recurso pedagógico na sala de aula pode aparecer como um caminho possível para ir ao encontro da formação integral das crianças”.

Cabe ao professor estudar e entender a importância das brincadeiras na educação. Sabemos que as crianças brincam menos no seu tempo livre, os pais buscam preencher o tempo dos pequenos com cursos de línguas, informática e esportes. Isso não é negativo, mas se essas atividades ocuparem o tempo todo, elas deixam de ser prazerosas e interessantes para a criança. “O papel do adulto nas brincadeiras, pontando que ele pode estimular ou desafiar os pequenos a brincar de formas mais desenvolvidas e complexas” (Moyles, 2006).

Aspectos cognitivos, afetivos, fisicomotores, morais, linguísticos e sociais. Este processo de desenvolvimento se dá a partir do qual a criança vai conhecendo o mundo e agindo sobre ele. Nessa interação sujeito objeto, a criança vai assimilando determinadas informações, segundo o seu estágio de desenvolvimento. A teoria construtivista de Piagetiana evoluiu para quatro estágios mentais da criança, nos quais cada período comporta um pensamento ou comportamento infantil que caracteriza uma forma específica de conhecimento e raciocínio (Piaget 1974).

Portanto, brincar é um recurso válido no contexto social e educacional, é importante que seja introduzido na escola, com atividade lúdica inserida pelo professor de educação infantil. O lúdico é uma ferramenta relevante, pois promove a interação e motivação, aperfeiçoa a aprendizagem de forma descontraída, prazerosa e construtiva.

Sob essa perceptiva, pode-se dizer que o lúdico acaba sendo um método muito importante para que a criança se desenvolva dentro e fora do ambiente escolar, permitindo assim uma visão ampla através das descobertas; A criança se expressa melhor, adquire novas habilidades, aceita e respeita regras.

Algumas atividades lúdicas que podem ser utilizadas no ensino da Educação Ambiental:

- Jogos de Simulação: Jogos que simulam situações ambientais, como gerenciamento de recursos naturais, poluição ou mudanças climáticas, permitem que os alunos experimentem as consequências de suas decisões e ações no meio ambiente.
- Atividades ao Ar Livre: Excursões, trilhas ecológicas, jardinagem e outras atividades ao ar livre permitem que os alunos explorem e interajam diretamente

com a natureza, desenvolvendo um maior preço e respeito pelo meio ambiente.

- Teatro e Dramatizações: Peças teatrais ou dramatizações sobre temas ambientais podem ajudar os alunos a compreender conceitos complexos de forma acessível e envolvente, ao mesmo tempo que promovem a expressão criativa e a colaboração.
- Jogos de Tabuleiro ou Cartas: Jogos de tabuleiro ou cartas com temática ambiental podem ser uma maneira divertida e interativa de ensinar conceitos como conservação de recursos, biodiversidade e sustentabilidade.
- Projetos de Arte Ambiental: Projetos de arte que utilizam materiais reciclados ou inspirados na natureza podem estimular os alunos a refletir sobre questões ambientais e expressar suas preocupações de forma criativa.
- Competições e Desafios: Competições e desafios entre os alunos, como coleta seletiva de resíduos, criação de jardins sustentáveis ou redução do consumo de energia, podem promover a colaboração e o trabalho em equipe em prol do meio ambiente.

Metodologia

A metodologia foi realizada através de pesquisas bibliográficas em livros, artigos e sites as quais tinham alguma relação com o tema proposto para o trabalho.

Segundo Fachin a pesquisa bibliográfica é: (2001, p. 25), “é a base para as demais pesquisas e, pode-se dizer, é uma constante na vida de quem se propõe a estudar”. Desse modo a metodologia visa uma pesquisa em bibliografias e referenciais para poder embasar a discussão acerca do tema proposto.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Considerações Finais

Um dos principais problemas ainda é a falta de conscientização da população em relação ao meio ambiente, o que torna difícil que algumas coisas funcionem como deveriam. Por exemplo a reciclagem de lixo, se todos se preocupassem em fazer não teria lixo jogado nas ruas, poluindo os rios e também evitando o aparecimento de doenças.

Conclui-se que as crianças conseguem aprender sobre educação ambiental através de jogos e brincadeiras e assim, desenvolver seu processo de ensino aprendizagem muito importante e significativo. Os objetivos dos jogos são inúmeros, vai desde enfatizar valores de desenvolvimento com qualidade de vida e inclusão de pessoas com alguma deficiência.

A perspectiva lúdica de ensino-aprendizagem na educação ambiental oferece uma abordagem poderosa e eficaz para promover a conscientização, o engajamento e a ação dos alunos em relação às questões ambientais. Ao integrar atividades lúdicas ao currículo, os educadores podem criar experiências de aprendizagem significativas que capacitam os alunos a se tornarem cidadãos ambientalmente conscientes e responsáveis.

O professor precisa ser o norteador de atividades e práticas dentro de sala de aula, auxiliando as crianças, tornando-o ensino mais agradável e prazeroso. Através dos métodos de jogos e brincadeiras como forma lúdica se pode ensinar sobre educação ambiental.

Através da perspectiva lúdica dos jogos e brincadeiras aplicados corretamente para cada idade se tornam uma excelente ferramenta e o aprendizado fica mais leve, prazeroso, positivo facilitando os outros aprendizados dentro da sala.

Quando falamos em jogos não é só brincar, além da facilidade de aprendizado de conteúdos escolares, elas aprendem alguns valores, criando assim um alicerce de caráter e conduta humana. Desenvolve virtudes praticando a moral e o bem. Consegue ainda o autocuidado e aprende a controlar seus impulsos.

Concluimos ainda que a criança que aprende brincando consegue ter mais autoconfiança, acreditando mais em si, desenvolve o autoconhecimento, a tolerância e a amizade.

Quando incluímos as práticas de jogos e brincadeiras no cotidiano escolar os dois

lados só tendem a ganhar, o professor se sente mais confiante e competente e a criança se sente mais valorizada dentro da escola e consegue aprender com mais facilidade com isso concluímos que os jogos e brincadeiras são essenciais no cotidiano escolar.

Referências

BRASIL. **Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica**. Brasília Junho de 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizes_curriculares_consolidado.pdf>. Acesso em 16 abril de 2024.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

DECLARAÇÃO DA CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Tbilisi, 1977**. Disponível em: <[http:// WWW.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/coea/Tbilisi.pdf](http://WWW.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/coea/Tbilisi.pdf)>. Acesso em: 19 nov. 2014.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

FABRÍCIO, ANA CAROLINA BAGGIO, **Turismo, meio ambiente e sustentabilidade**/ Ana Carolina Baggio Fabricio. Curitiba: InterSaberes, 2015.

FÓRUM GLOBAL DAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS. **Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global**. Rio de Janeiro: Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1992. Disponível em <[HTTP//WWW.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/Fil/coea/Tratado_Educacao_Ambiental.pdf](HTTP://WWW.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/Fil/coea/Tratado_Educacao_Ambiental.pdf)>. Acesso em: 16 abril 2024.

KISHIMOTO, M. Tizuko. **Jogos tradicionais Infantis: o jogo, a criança e a Educação**, 2 Ed. Petrópolis Editora Vozes , 1993

KISHIMOTO, M. Tizuko. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira,1998. 58

KISHIMOTO, Tisuko M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MINAYO, Maria. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.

MOYLES, J.R. **A excelência do Brincar**. Porto Alegre. Artmed ,2006.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PIAGET, J. **A formação do símbolo: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RAU, M.C.T.D. **A ludicidade na Educação: uma atitude pedagógica**. Curitiba.Ibpex, 2007.

REIS. Marília Freitas de Campos Tozoni. **Formação dos educadores ambientais e paradigmas em transição**. Disponível em:< [file:///C:/Users/Positivo/Downloads/Dialnet-FormacaoDosEducadoresAmbientaisEParadigmasEmTransi-5273978%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Positivo/Downloads/Dialnet-FormacaoDosEducadoresAmbientaisEParadigmasEmTransi-5273978%20(1).pdf)>Acesso em 16 abril 2024.

SATO, M. **Educação ambiental**. São Carlos: Rima, 2002.p.88

Sobre os Autores

Alessandro Gatinho dos Reis

Licenciado em Geografia. Faculdades Integradas Ipiranga- 2017. Licenciado em Pedagogia. UNICV- 2024. Pós-graduação (latu sensu Especialista) Metodologia do Ensino de Geografia - Faculdade de Educação São Luís-2017. Pós-graduação(latu sensu Especialista) Educação Especial Inclusiva- UNIASSELVI-2022.

Fernanda Costa da Silva

Licenciada em Letras espanhol (UFPA). Licenciada em Português/Inglês (Faveni). Especialista em Educação em direitos humanos e diversidade étnico-racial (Faveni).

José Edilson Ferreira Brito

Licenciado em Ciências Naturais - Universidade Federal do Pará - 2015. Pós-graduação latu sensu (especialista): Gestão ambiental e desenvolvimento sustentável: Uninter - 2023. Pós-graduação, latu sensu (especialista) Metodologia do Ensino de Biologia: Uninter 2023.

Wilker Gonçalves Melo

Licenciado em Letras Língua Espanhola (UFPA). Especialista em ensino de Língua espanhola (Faculdade Dom Alberto). Licenciado em Artes (Faveni). Especialista em Ensino de artes e História (Faculdade Serra Geral).

Índice Remissivo

A

adultos 7, 19, 20, 21, 22, 23, 28, 29
alunos 6, 14, 15, 19, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 42
ambiental 6, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44
Andrés Wood 6, 7, 8, 9
aprendizagem 6, 19, 24, 27, 30, 31, 35, 38, 39, 40, 42
audiovisual 7, 8
aulas 6, 19, 30, 32

C

ciências 6, 19, 27, 31, 32
cinema 7, 8, 9, 11
companhia 7
comunicação 8
conhecimento 8, 14, 17, 37, 38, 39, 40
conscientização 35, 42
crianças 7, 8, 9, 11, 17, 20, 21, 38, 39, 40, 42
culturas 13, 14, 16, 17, 18, 37
cursos 18, 20, 40

D

Ditadura 7, 9

E

educação 13, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43
educação ambiental 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43
EJA 6, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29
ensino 6, 13, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 32, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 44
escolas 6, 19, 24, 26, 28, 35
estudante 14
estudantes 6, 13, 14, 15, 18, 19, 28
estudar 15, 19, 20, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 40, 41

F

filme 7, 8, 9, 11, 12

G

golpe 7, 9, 10, 11, 12
governo 7, 9, 10, 11, 21
graduação 13, 14, 15, 17, 20, 27, 32, 44

H

hispano-americanos 6, 13, 14, 15, 18
horror 7, 9, 11

I

ideia 8, 9, 21, 28
interculturalidade 6, 13, 14, 16, 17

L

lúdico 35, 38, 39, 40

M

Machuca 6, 7, 8, 9, 10, 11
militares 7, 9, 10
modalidade 19, 22, 24, 25
movimento 8

O

opressão 7
organizações 14, 23

P

perfil 15, 19, 25, 34
pobreza 7, 10
poder 7, 21, 41
professor 19, 24, 25, 27, 31, 32, 39, 40, 42, 43
programa 13, 14, 15, 23, 37

R

regime militar 7, 9

S

sociedade 7, 8, 9, 11, 16, 21, 35, 37
sócio-econômico 7

T

trabalho 7, 13, 14, 16, 17, 21, 23, 24, 25, 30, 35, 41

U

universidade 14

W

Wood 6, 7, 8, 9, 11



AYA EDITORA

2024